

EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº 3 / Julho / 88

"E HOJE É JÁ OUTRO DIA"

E hoje é já outro dia. Certo. Real. Grande.

Caminhou-se da expectativa, da aposta e da incerteza para a realidade do conseguido.

O Instituto Politécnico da Guarda tomou uma maior dimensão. Ganhou o seu espaço próprio; arrelgou-se no meio físico, social e intelectual; impôs-se como centro de saber, pensar e de fazer. O Instituto Politécnico da Guarda corresponde já às expectativas daqueles que o justificam - os estudantes. Por isso se tornou grande. Control-se hoje o amanhã que não tarda.

"Educação e Tecnologia" é hoje, no final de mais um ano lectivo - testemunho precioso de uma realidade pautada pela dinâmica que é também o apanágio desta Escola. E porque emerge do centro da vida do Instituto Politécnico da Guarda reflecte-a, naturalmente, também na sua autenticidade social e académica. Como espaço aberto, é dinâmica. Porque é dinâmica, é variada e polivalente. Pretendíamos que o fosse; sabemos que é. Estamos certos que continuará a sê-lo.

**"E outra vez conquistemos a distância --
Do mar ou outra, mas que seja nossa"**

(Fernando Pessoa)

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do I.P.G.

ALGUMAS NOTAS SOBRE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

DE LUÍS ANTÓNIO VERNEI ÀS INCIDÊNCIAS CULTURAIS POMBALINAS

Manuel Alberto Carvalho Prata — Presidente da C.I. da E.S.E.G.

1. DADOS BIOGRÁFICOS

Luís António Vernei, filho de Dionísio Verney e de Maria da Conceição Arnaut, nasceu em Lisboa, no dia 23 de Julho de 1713 e foi baptizado a 6 de Agosto, na Igreja de S. Julião, pelo Padre José Rodrigues Lobo, tendo sido seu padrinho o Padre Francisco Teles ⁽¹⁾.

Os primeiros anos da sua vida foram vividos na casa paterna, à Rua Nova do Almada, onde seu pai tinha uma "logea de drogas para Boticas, em que assistia com os seus caixeiros" ⁽²⁾.

Seus pais, desde cedo, até porque tinham proventos materiais, cuidaram da sua educação entregando-o a um pedagogo eclesiástico, o padre Manuel de Aguiar Paixão, que o iniciou nos estudos da Gramática Latina e nas línguas castelhana, francesa e italiana.

Devido à educação que recebera, não seria difícil enveredar pela vida religiosa. Vai frequentar o Colégio Jesuítico de Santo Antão onde foi introduzido por Pedro José de Figueiredo e aqui se vestia "como os estudantes de Coimbra, com chapeo ou vestidos pretos, de casaca ou à romana, de cabelleira ou sem ella, muito à sua vontade, mas sempre de preto" ⁽³⁾. Que estudou Vernei em Santo Antão? Certamente três anos de Gramática Latina, dois de Latinidade e dois de Retórica, que decorreram entre 1720 - 1727.

(1) - Conforme certidão de baptismo publicada por António Alberto de Andrade, *Vernei e a cultura do seu tempo*, Coimbra, 1966, p.527.

(2) - *Idem*, pp. 2 - 3

(3) - *Idem*, p. 10

Depois de deixar o Colégio matriculou-se no curso de Filosofia que o padre Estácio de Almeida estava a dar nos Oratorianos, onde actualmente são os Armazéns do Chiado.

No segundo ano deste curso, resolveu ir servir el-rei, D. João V, no Oriente, pelo que se alista como soldado voluntário e requer, sem perda de tempo, o posto de capitão de uma companhia. Para tal pede a mercê do hábito de Cristo, sem a qual não podia desempenhar tal cargo.

Face à petição do jovem Vernel, D. João V solicita o parecer do Conselho Ultramarino, que nunca chegou certamente a dá-lo, em virtude da sua tenra idade, pois o seu nome não aparece entre os seleccionados. Conhecedor disto pede então um posto mais baixo, o de alferes, que também não obteve.

Não sabemos ao certo se Vernel chegou a pisar terras da Índia. Se lá esteve, a sua permanência não foi muito longa, ou porque tivesse adoecido, ou porque chegasse à conclusão que a sua vida não era a carreira das armas, uma vez que em Novembro de 1729 já se encontra matriculado no segundo ano, na Universidade de Évora. Dizemos segundo ano, porque certamente os estudos realizados entre os Oratorianos o dispensaram do primeiro.

Agora, novas perspectivas lhe estão abertas.

O nosso amigo vai avançar pelos caminhos da ciência e da cultura. Porquê Évora e não Coimbra? Segundo António Alberto de Andrade, a preferência por Évora reside no facto de o Cardeal D. Henrique a ter instituído para eclesiásticos e ainda devido à distância, mais perto de Lisboa, e também à maior facilidade de alojamento⁽⁴⁾.

Quanto aos estudos filosóficos na capital alentejana, Vernel refere-se-lhes no Verdadeiro Método: "No primeiro ano, se passa com dois tratados, a que chamam Universals e Sinats, cada um dos quais terá, quando pouco, os seus vinte cadernos de duas folhas; e já vi Mestre que ditou quarenta cadernos, somente de Universals. No segundo ano, acabam-se os Sinats; e parte do ano fala-se muito em Matéria Primeira e Causas, ao que chamam Física. No terceiro ano, estudam-se Intelecções, Notícias, Tópicos e algumas questões de Metafísica, digo, do Ente em comum. E com estas quatro e as duas do primeiro ano se faz o Bacharel. No quarto, explica-se um tratado, a que chamam Geração e Corrupção; e havendo tempo, outro, a que chamam de Anima in Communi. Depois, fazem conclusões nas ditas matérias, ou semelhantes, que é um acto em que muitas vezes sucede que o defendente não tem argumento algum. Segue-se o Licenciado, que é um exame sobre as seis matérias do Bacharelato, com mais outras que apontámos. E temos o homem graduado Filósofo"⁽⁵⁾. Por estas palavras de Vernel ficamos a saber que a sua formação académica

(4) - *Idem*, p. 29

(5) - *Verdadeiro Método de Estudar*, vol. III, Lisboa, s.d., pp. 4 - 6

decorreu, até aqui, sob o signo do aristotelismo, porque era a doutrina que a Universidade de Évora professava. A este tipo de cultura e à cultura dos modernos, que aprendeu no estrangeiro, vai Vernel referir-se um dia mais tarde, a 7 de Junho de 1745, numa carta que escreve ao seu amigo Luís António Muratori: "Por Deus, meu caro Muratori, também eu já fui sofista de certo modo e, orientado pelos meus Mestres com as frioleiras e as inépcias dos Escolásticos, bastante tempo tive de me contorcer no meio destas cavilosasidades. Contudo, por graça do Alto, consegui por fim falar com pessoas que, depois de eu caminhar até aí através de atalhos e escolhos me chamaram ao verdadeiro caminho. A esses sou e serei sempre grato, por me terem amigavelmente notado os erros e humanissimamente ensinado a produzir coisas melhores"⁽⁶⁾.

Em 1736, a 6 de Agosto, parte para Roma. Porquê? Não custará muito a admitir que Vernel tenha tomado esta atitude para se elevar culturalmente, à semelhança do que faziam muitos outros portugueses, pois o seu gosto e vontade de saber eram grandes e Portugal não lhes oferecia condições para que qualquer sonho de enriquecimento cultural se concretizasse, dado o nosso grande atraso em matérias científicas e métodos pedagógicos. Esta ideia transparece na seguinte passagem: "Como seu prodigioso talento o arrebatava a mais elevada empresa, não satisfeito do falso, e infructuoso methodo porque então se ensinavam estas e outras sciencias em Portugal, nem podendo já esconder em seu ânimo o desgosto das longas disputas, e erradas opiniões, que em língua barbara se ventilavam continuamente nas Escolas, sem proveito, nem adiantamento algum, concebeu pensamento de sair do Reino, afim de mais se instruir, e com melhor gosto nos perfectos conhecimentos que constituem o verdadeiro sabio, e que grande parte da Europa havia já adoptado em suas Universidades"⁽⁷⁾.

Uma outra hipótese muitas vezes admitida é a de que Vernel teria saído de Portugal, porque incumbido de uma missão cultural - ir-se actualizar ao estrangeiro, para depois prestar o seu contributo à Nação. É ele que o diz quando escreve: "Eu sim, tive ao princípio particular ordem da Corte, de iluminar a nossa Nação em tudo o que pudesse"⁽⁸⁾.

Esta hipótese apresenta-nos, contudo, algumas reservas derivadas, por um lado, de nenhum documento oficial confirmar tal incumbência, pelo outro, é de estranhar que a coroa expedisse ordens a título particular e finalmente ainda custa-nos a admitir que o monarca enviasse para uma missão cultural um jovem com 23 anos apenas.

Parece, isso sim, que Luís António Vernel foi para Itália para

(6) - Apud, António Alberto de Andrade, *ob. cit.*, p. 88

(7) - *Idem*, p. 88

(8) - *Idem*, p. 88

estudar Teologia e, porventura, Direito Canónico e, simultaneamente conseguir um benefício eclesiástico, uma vez que os bens da Igreja podiam ser postos à disposição daqueles que, sem posses, se consagrassem aos estudos⁽⁹⁾.

Ao chegar a Roma, Vernei parece ter-se matriculado primeiramente em Direito, no ano lectivo de 1736 - 37, que depois abandonou, para ingressar no curso de Teologia que completou em 1741, vindo a receber as insignias doutorais, conforme nos diz Barbosa Machado⁽¹⁰⁾. Segundo esta mesma fonte, e logo que terminados os estudos de Teologia, Vernei passou a estudar Direito, onde se veio também a formar em "Jurisprudência Cesarea".

Depois de uma prolongada e tormentosa doença, veio a falecer a 20 de Março de 1792⁽¹¹⁾.

2. - A INTEGRAÇÃO DE VERNEI NO SEU TEMPO

O século XVI foi, sob o ponto de vista material e espiritual, um tempo de extraordinária riqueza.

Ao refazer a afirmação do homem e a descoberta do mundo, o século de quinhentos trouxe novos rumos à vida, novos métodos à ciência, novos horizontes à filosofia, nova dimensão à cultura.

Todo este esforço foi continuado nos séculos seguintes, por quanto ao cómodo magister dixit se foi sobrepondo a ânsia de olhar e estudar a natureza e a vida, ao mesmo tempo que o verbalismo e os entes abstractos da escolástica iam sendo substituídos pelo saber da experiência feito.

O experimentalismo quinhentista vai ser superado, no século seguinte, com a teorização do método experimental por Francis Bacon bem como pelos grandes sistemas de Descartes, Leibniz e Espinosa. Por influência da filosofia inglesa, uma vez que a Inglaterra era dos países económica, política e socialmente mais avançados, com Locke, Newton, Berkeley e Hume, na vanguarda, avança-se para um experimentalismo mais sistemático, isto é, para o estudo particular dos fenómenos, no sentido de os interpretar cada vez melhor e mais completamente. Graças a estes esforços, caminhamos para construções científicas cada vez mais estáveis e duradouras, graças à formulação de leis cada vez mais gerais.

"Apesar de a metafísica ainda ocupar um lugar de relevo no pensamento da época, tudo se começa já a encaminhar no sentido da sua superação pela física"⁽¹²⁾

Os novos conhecimentos científicos e culturais que até à segunda metade do século XVII eram essencialmente divulgados

(9) - *Idem*, p. 87

(10) - *Idem*, p. 97

(11) - *Idem*, p. 668

(12) - José Sebastião da Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia*, Coimbra, 1953, p. 248

através dos livros e correspondência, encontram agora uma via mais rápida e eficaz de se propagarem graças ao aparecimento das sociedades e jornais científicos. De entre as sociedades científicas não poderemos deixar de mencionar a Royal Society de Londres; a Académie Royale des Sciences de Paris e a Academia del Cimento de Florença.

A ideia de cooperação e fortalecimento entre os homens de ciência foi reforçada pela fundação de jornais científicos. Os mais importantes foram o Philosophical Transactions of the Royal Society e o Journal des Sçavans. Este último foi fundado em 1665 e publicava-se semanalmente, sendo assim não só um meio de difusão de conhecimentos entre os cientistas como um veículo de cultura entre o público europeu.

Porém, todo este avanço científico e cultural não se fez sem a resistência de alguns. As obras dos modernos, na medida em que se opunham e combatiam a escolástica, a inquisição e toda a espécie de policiamento, encontraram uma viva e forte oposição por parte dos tradicionais. Não foi certamente por mero acaso que obras de Copérnico, Galileu, Pascal, Descartes e tantos outros foram queimadas ou lançadas no index. As congregações jesuítas de 1682 e 1696, por exemplo, tomaram medidas de segurança contra "opiniões novas". A congregação de 1706, onde se discutiu o sistema cartesiano, conclui que "por uma parte, havia princípios opostos não somente à sã Filosofia, mas também aos dogmas da Fé, e capazes de induzir a erro dogmático os menos acautelados"⁽¹³⁾.

Mas, apesar de tudo e de todas as resistências, "havia uma espécie de acordo geral na oposição à Escolástica, assim como na aspiração a emancipar o pensamento filosófico e científico do signo aristotélico"⁽¹⁴⁾.

O que aconteceu além-fronteiras, sucedeu também entre nós, embora mais tardiamente, em virtude de um conjunto de circunstâncias tais como a perda da independência e a conseqüente união ibérica e depois a guerra da Restauração.

O esforço humanístico, isto é, a adopção dos esquemas e concepções da Renascença, que D. João III desenvolveu, no sentido de uma renovação cultural e pedagógica com a reforma da Universidade em 1537 e com a criação do Colégio das Artes, dez anos depois, foi sol de pouca dura e acabou por estiolar, porque com o triunfo da ideologia contra-reformista e com o regresso dos doutores tridentinos, as instituições escolares portuguesas foram entregues aos filhos de Santo Inácio.

(13) - António Alberto de Andrade, *ob. cit.*, p. 58. Tudo isto, porque o sistema cartesiano "torna-se perigoso, pois reduz a matéria à extensão. Desta forma, como compreender a transubstanciação?... o Deus de Descartes era um frio géometra, um mecanicista brutal, onde não se reconhecia o Deus vivo de Abraão, Isaac e Jacó. No sistema de Descartes não havia lugar para a pessoa de Cristo", in, Roland Mousnier, *História Geral das Civilizações*, tomo IV, S. Paulo, 1960, p. 330. Já em 1691, os mestres de filosofia dos diversos colégios da Universidade de Paris, reunidos no Colégio do Cardeal Lemoine, tomaram a decisão de nunca ensinarem nas suas escolas a doutrina de Descartes. Cf., Alain Guilhaumeu, *Os Jesuítas*, Col. Saber, n.º 116, p. 36

(14) - Prof. Silva Dias, *ob. cit.*, p. 248

O que ontem eram tensões polémicas, filosofia de vida, liberdade de pensar, conteúdos e métodos, substancialidade, deixam de existir, para se forjar uma doutrina e uma ideologia que defendiam mais os fins do Estado e as premissas conciliares tridentinas.

Com isto instalou-se, entre nós, uma cultura verbalista, livresca e autoritária que sufocou, por muitos e bons anos, o pensamento português.

Enquanto por essa Europa fora se procurava o desconhecido, nós ficámos quietos e sossegados, preferindo "estudantes católicos ainda que menos latinos"⁽¹⁵⁾.

Se isto se passava a nível das instituições de ensino, cá fora, a nível da sociedade civil, estava a Inquisição que velava, dia e noite, para que a ortodoxia traçada em Trento não fosse quebrada, quer perseguindo quem não pensasse dentro dos cânones estabelecidos, quer fiscalizando, queimando e lançando no index toda e qualquer obra que cheirasse ou defendesse o pensamento e a doutrina dos modernos.

Após 1640, as coisas começaram a mudar, embora de uma maneira bastante lenta. Esta lentidão deve-se essencialmente à preocupação com os problemas militares, que estavam na primeira linha de pensamento dos portugueses, pois havíamos acabado de sair de Espanha e poder-se-ia correr o risco, ainda, de uma nova invasão. Havia, por isso, que preparar a defesa.

D. João IV travou também um pouco o impeto da Inquisição, uma vez que necessitava, para o reequipamento do exército e reestruturação da economia, de dinheiro e este estava nas mãos de cristãos - novos.

A restauração trouxe consigo também a necessidade de Portugal, agora com as costas voltas a Espanha, de, para resolver os seus problemas, se pôr em contacto com as cortes europeias, incrementando as suas relações diplomáticas.

Todas estas necessidades vão fornecer aos portugueses "uma bela oportunidade para descobrirem o novo pensamento universal, quer viajando por terras estranhas, quer ouvindo na pequena casa lusitana os peregrinos de outra origem"⁽¹⁶⁾.

Porém, entre nós, o ensino continuou a ser exercido pela milícia jesuítica, que seguia uma orientação aristotélico - tomista. Não esqueçamos, por exemplo, que o nosso amigo Vernei foi educado debaixo desta orientação.

Dizíamos que, após a restauração, as relações de Portugal com o estrangeiro se incrementaram. Estas relações intensificam-se no reinado de D. João V, em virtude da chegada do ouro

[15] - Carta do ministro de D. Sebastião, Gonçalves da Câmara, para o Reitor da Universidade, em 21 de Maio de 1570, in: José Sebastião da Silva Dias, *A política cultural da época de D. João III*, vol. I, tomo II, Coimbra, 1969, p. 872, para já não falar nos processos levantados aos mestres do Colégio das Artes.

[16] - Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia* cit., p. 300

brasileiro. Isto, na prática, significa que não só os portugueses demandam, agora, mais frequentemente, as metrópoles culturais europeias (não esqueçamos, por exemplo, que D. João V enviou bolseiros para o estrangeiro), como também muitos diplomatas, militares, cientistas, homens de negócios e outra gente, vindos de além - Pirinéus, se estabeleceram entre nós.

Com os homens vieram as ideias e os germes da cultura racionalista e experimental, que se começam a espalhar um pouco por todo o lado, ganhando amigos e adeptos, cada vez em maior número. Portugal e os portugueses tomam assim conhecimento com o que se passa na Europa culta e com os progressos científicos que, nas diferentes academias, iam ganhando foros de dignidade.

Um dos meios de informação que, em Portugal, mais contribuiu para a difusão do conhecimento científico foi a *Gazeta de Lisboa* (17).

Apesar de uma certa renovação, embora muitíssimo lenta, a atitude cultural e intelectual dos portugueses, na generalidade, continuava a pautar-se pelas directrizes escolásticas.

Há, naturalmente, uma ou outra excepção a esta regra geral. Apontamos, por exemplo, Manuel Bocarro, António Cordeiro que no curso filosófico que regeu entre 1676 - 1680 se desviou já um pouco das normas e esquemas jesuíticos, passando por isso por cartesiano.

Foi, porém, entre altas patentes militares que o autor do Discurso do Método foi mais conhecido, uma vez que a nível das instituições de ensino, na mão dos jesuítas, se continuava a fazer uma vigilância bastante rigorosa e deveras apertada (18).

Não dando a nossa escola aquilo a que se tinha direito, a muitos portugueses, os mais ávidos de saber, só lhe restava um caminho - o do exílio. Zacuto Lusitano, Rodrigues Navarro, Isac Cardoso, Vicente Nogueira, José da Cunha Brochado, Jacob de Castro Sarmiento, Sequeira Samuda, Ribeiro Sanches, Vernel e tantos outros, foram alguns dos que partiram.

Também por cá se nota já uma certa reacção contra o saber instituído, contra o inquisitorialismo, contra a escolástica e provincianismo cultural. As Conferências Discretas e Eruditas, no Palácio dos Ericeiras, são bem o testemunho do que acabamos de afirmar. Ali se fizeram ouvir as vozes de Rafael Bluteau, Azevedo Fortes e tantos outros em defesa dos temas e princípios

(17) - A este propósito podemos referir, por exemplo, que no seu número de 3 de Janeiro de 1726, se dá a notícia da fundação de um Observatório Matemático, em Petersburgo; no número de 14 de Março do mesmo ano, noticia-se a fundação da Academia de Petersburgo; em 4 de Janeiro de 1731, anuncia a abertura de uma série de conferências na Academia Real das Ciências de Paris; a 21 de Junho de 1736, dá a notícia de que a Academia Real de História Portuguesa havia feito uma permuta de livros com a Academia de Petersburgo.

(18) - "Os mestres de filosofia não se apartem de Aristóteles em coisa alguma de importância, a não ser que se ofereça algum ponto contrário à doutrina que defendem geralmente as Universidades, e muito mais se repugna a Fé Ortodoxa ... Não introduzam qualquer questão ou opinião nova, que não esteja defendida por algum bom autor .. entendam também que, se houver alguns mestres inclinados a novidades ou de engenho demasiado livre, devem ser removidos sem falta do officio de ensinar". Silva Dias, *Ob. cit.*, p.88

matemáticos e físicos em prol do espírito racionalista e experimental, ao mesmo tempo que criticavam toda a cultura tradicional. "Que nos homens deste tempo a memória e o juízo tenham ou igual ou ainda mais vigor que nos antepassados, claramente o demonstra a perfeição e altura em que hoje estão as Artes e Ciências; os livros que nelas escrevem os modernos excedem no número, método notícia e elegância todas as obras dos antigos" dizia Rafael Bluteau ⁽¹⁹⁾. Para confirmar o interesse científico e cultural que a família Ericeirense tinha, bastará dizer que o seu quarto conde, D. Francisco Xavier de Meneses, possuía uma vastíssima biblioteca, "com 18.000 volumes" ⁽²⁰⁾ e, segundo se pensa, teria até existido um gabinete de física.

Dentro de algumas congregações como a dos Oratorianos, introduzida em Portugal no tempo de D. João IV, existia já, embora modestamente, um certo espírito racionalista e experimental. Foram, por isso, bem mais flexíveis e permeáveis às tendências culturais do século XVIII que os jesuítas. A título de conclusão poderemos dizer que o século XVIII vai completando o processo de secularização do pensamento que se iniciou nos finais do século XVII. Nota-se, cada vez mais, uma maior tolerância e abertura para com as ideias que aos poucos nos vão chegando lá de fora.

Luís António Vernei teve assim alguém que de certo modo lhe ajudou a preparar o terreno, não querendo com isto significar qualquer tipo de diminuição no valor da sua obra, até porque Bento XIV lhe conferiu a sinecura no arcebispado de Évora, em 1742, pelos seus grandes méritos.

3. - INFLUÊNCIAS EM VERNEI

Vernei é um iluminista típico e, por isso, verdadeiramente enquadrado no progresso cultural do seu tempo. A viver numa capital europeia, portanto, com outras possibilidades culturais, é natural que tivesse visto e lido muita coisa.

Aliás, ele próprio nos afirma isto, quando escreve: "Eu não faço leis, nem me importa isso; digo o meu parecer sobre isto que vejo, regulado pelo que tenho lido e visto em outras partes"⁽²¹⁾.

Vernei, no seu iluminismo, chega mesmo ao contacto com os principais filósofos modernos. De entre todos as suas preferências especiais centram-se em Newton e Locke. Do primeiro recebe a influência que o colocará em oposição à física cartesiana, o seu "fanatismo experimentalista, do apego ao método indutivo e do entusiasmo com que preconiza a matematização da física"⁽²²⁾.

(19) - Apud, Hernani Cidade, *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, 2ª. Vol., 5ª. ed., Coimbra, 1968, p. 41

(20) - António Alberto de Andrade, *ob. cit.*, p. 82

(21) - *Idem*, p. 181

(22) - Silva Dias, *Portugal e a cultura europeia cit.*, p. 395. Isto não significa, porém, que Vernei

A influência de Newton em Vernei nota-se na própria lógica: "a distinção que aí se faz entre o método" resolutivo ou Analítico" e o método "compositivo ou sintético", bem como a preferência que dá ao primeiro "para reconhecer a verdade de muitas questões e para descobrir e adquirir conhecimentos" está a revelar um dos cânones fundamentais da lógica newtoniana ⁽²³⁾.

Porém, a maior influência de Vernei vem-lhe de John Locke: "Vernei não se limitou a assimilar-lhe as traves mestras do pensamento ou a pedir-lhe um esquema didáctico. Pediu-lhe quase tudo que de novo, interessante, e fino põe nas cartas sobre a lógica e a metafísica. Uma vez resume-o, mas outras tradu-lo quase à letra, embora sem o citar. É o caso da digressão sobre o valor do silogismo, literalmente decalcado sobre o texto lockeano"⁽²⁴⁾.

Outros mestres tiveram na sua vida um lugar mais secundário. Charles Rollin tê-lo-ia influenciado quanto a directrizes pedagógicas ⁽²⁵⁾.

Na senda de Salgado Júnior, o espanhol Bento Feijó teria também alguma influência, uma vez que, apesar das orientações gerais não serem concordantes, há, todavia, alguns pontos de contacto a ter em conta, como, por exemplo, o ataque às velhas instituições e costumes⁽²⁶⁾.

Uma atenção especial merece também Luís António Muratori, sobretudo com as obras *Delle Riflessioni sopra il Buon Gusto nelle Scienze e nell' Arti e Dei difetti della giurisprudenza*. A primeira influencia Vernei na necessidade de uma reforma dos estudos. Da segunda recebeu conceitos de jurisprudência ⁽²⁷⁾.

Para além destes, outros o influenciaram. Citaremos apenas alguns nomes do seu ciclo italiano - Woff, Gabriel Manfredi, Corsini, De Martino, Genari, etc ⁽²⁸⁾.

Como vemos, o ambiente ideológico do séc. XVIII reflecte-se em Vernei e dele dá conta através da sua crítica às ideias e instituições do passado. O iluminismo político - social de Vernei vê-se nas suas prevenções contra a Inquisição e o congreganismo e quando apresenta as suas considerações sobre a nobreza, por exemplo ⁽²⁹⁾.

não elogie Descartes, assim: "Eu não sou cartesiano, porque me persuado que o tal sistema, em muitas coisas, é mais engenhoso que verdadeiro; mas confesso a V. P. que não posso falar no tal filósofo sem grandíssima veneração". *Verdadeiro Método de Estudar*, Col. Portugal, nº. 16, Porto, s. d., p. 152

(23) - Silva Dias, *ob. cit.*, p. 395

(24) - *Idem*, 396

(25) - Segundo nos informa António Alberto de Andrade, na carta referente à latindade vê-se perfeitamente a orientação traçada por Rollin, em *De la manière d' enseigner et d' étudier les Belles - Lettres*, in, *ob. cit.*, pp. 182 e 186

(26) - *Idem*, p. 181

(27) - Veja-se a este propósito António Alberto de Andrade *ob. cit.*, pp. 182 - 83

(28) - Referindo-se a Woff, por exemplo, diz: "Quem, pois, tivesse já alguma ideia de matemática, ou tivesse algum mestre que lhe explicasse, podia servir-se dos cinco tomos de matemática do Woff, que faz um curso inteiro e é o melhor e mais moderno". in, *Verdadeiro Método cit.*, p. 178

(29) - Vernei defende que a nobreza não é hereditária: "O ser filho de um homem ilustre não é o mesmo que ser ilustre ... que a dita nobreza é uma pura opinião do povo". Mais adiante afirma: "Respondeu com galantaria uma pessoa a outra, que lhe perguntava como distinguiria um nobre de quem o não era, deste modo: *Despit-os, ambos nus, e ouvis-lhes falar*". in, *Verdadeiro Método cit.*, pp. 184 - 85

Para além de todas estas influências que o ajudaram a formar as suas ideias, não poderemos esquecer, também, o clima que então já se vivia em Portugal, onde Rafael Bluteau e outros já criticavam o estado da cultura vigente, dando-lhe assim o sinal de que era preciso produzir alguma coisa, para que alguma coisa viesse a mudar na terra que o viu nascer.

Impulsionado certamente por tudo isto teria resolvido escrever o *Verdadeiro Método de Estudar*.

(Continua)